

## CONHECIMENTOS E ATITUDES DOS ADOLESCENTES DA CIDADE DE MARINGÁ – PR A RESPEITO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS.

Elisângela Düsman<sup>1</sup>; Karen Silvério Góis<sup>1</sup>; Livia Maria de Castro Penna<sup>1</sup>; Talita Camargo<sup>1</sup>; Eduardo Michel Vieira Gomes<sup>2</sup>; Maria de Lourdes Periotto Guhur<sup>3</sup>.

### RESUMO

A incidência das DSTs/Aids tem aumentado na população em geral, sendo que entre adolescentes o número de contaminados está cada vez maior. Além disso, apesar das campanhas realizadas para evitar a gravidez na adolescência, por ano, uma em cada treze adolescentes, com vida sexual ativa, engravida. Frente a essa situação, realizou-se o presente estudo com o objetivo de averiguar os conhecimentos e atitudes que os adolescentes da cidade de Maringá-PR possuem a respeito dos métodos anticoncepcionais e da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Para tanto, foi aplicado um questionário composto de questões discursivas e de múltipla escolha a 69 adolescentes com idade entre 12 e 19 anos. Pôde-se concluir que o preservativo masculino é o método contraceptivo mais referido pelos entrevistados e que ainda se atribui a responsabilidade da contracepção somente à figura feminina. A porcentagem de jovens que afirmaram não saber o que é DST é elevada (36.2%) e o conceito entre método contraceptivo e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis é confundido entre os entrevistados. O trabalho confirma a complexidade da determinação do comportamento contraceptivo entre adolescentes e a necessidade de que os programas educativos incorporem as múltiplas dimensões da questão para que tenham efetividade.

**Palavras-chave:** *Sexualidade. Anticoncepção. Doenças Sexualmente Transmissíveis.*

### KNOWLEDGE AND ATTITUDES OF ADOLESCENTS ABOUT SEXUALLY TRANSMITTED DISEASES AND CONTRACEPTIVES IN MARINGÁ - PR

### ABSTRACT

The incidence of STDs / AIDS has increased in general population. The number of infected adolescents is higher each time. Despite campaigns that are carried out to prevent adolescent pregnancy, each year, one in thirteen sexually active adolescents engraver. This study has evaluated the knowledge and attitudes of teenagers of Maringá-PR about contraceptive methods and the prevention of sexually transmissible diseases. Thus, a questionnaire consisting of multiple choice and discursive questions was applied to 69 adolescents aged from 12 to 19 years. Results demonstrate that male condom contraceptive method is the most cited by adolescents and that they still confer the responsibility for contraception to females. The percentage of adolescents that do not know what STD means is high (36.2%). The concept of contraception method and prevention of sexually transmitted diseases is confused among the adolescents. The study confirms the complexity of contraceptive methods among teenagers and shows the need of educational programs that incorporate the multiple dimensions of the problem to take effect.

**Key words:** *Sexuality. Contraception. Sexually Transmitted Diseases.*

<sup>1</sup> Acadêmicas do Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Docente da Faculdade de Apucarana, Rua Osvaldo de Oliveira, 600, 86811-500, Apucarana, Paraná, Brasil.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.

## INTRODUÇÃO

A adolescência, fenômeno historicamente determinado e característico das sociedades industrializadas, e que se refere ao período de vida compreendido entre 10 e 20 anos, é uma fase bastante conturbada. Em seu decorrer, transformações físicas e emocionais importantes preparam a criança para assumir um novo papel perante a família e a sociedade. A criança desenvolve-se, amadurece e fica apta para usufruir sua sexualidade, firmando sua identidade sexual e buscando um par, já com a possibilidade de gerar filhos. (1)

Segundo alguns dados do IBGE (2), de aproximadamente 36 milhões de adolescentes no Brasil, que têm até 19 anos, 75% têm vida sexual ativa. No período de um ano, um em cada treze adolescentes engravidam; 600 mil partos de adolescentes são realizados; e a estimativa de abortos é de 500 mil. Segundo o UNICEF (2), são realizados, no mundo, 15 milhões de partos de adolescentes entre 15 e 19 anos.

Um estudo realizado por Schor et al. (3) identificou baixa percentagem (48.3%) de conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, entre adolescentes com menos de 14 anos. Segundo esses autores, tal fato pode ser explicado em razão do jovem ainda não ter iniciado uma atividade sexual até essa idade, sendo que esse percentual de conhecimento se elevou para 55% aos 15 anos e para 92% aos 19 anos, embora a qualidade desse conhecimento não tenha sido considerada. Foi também observado nesse estudo, que entre adolescentes e mulheres de diferentes faixas etárias, esse conhecimento é considerado baixo ou médio em quase 70% das entrevistadas. Contudo, o uso de métodos contraceptivos não mostrou estar diretamente associado ao seu conhecimento, sofrendo interposição de outros fatores, como o da idade da primeira relação sexual, o tempo de iniciação sexual, o acesso aos métodos anticoncepcionais, a existência de um parceiro sexual estável, a objeção feita pelo parceiro ao uso de métodos anticoncepcionais, o desejo de engravidar e a dificuldade de comunicação com os pais sobre assuntos relacionados a sexo (3).

Portanto, não é suficiente apenas saber da existência dos diferentes métodos, é essencial que se conheça o seu funcionamento, a sua eficácia, vantagens e desvantagens. O desconhecimento desses fatores leva ao seu uso inadequado, com o risco de uma gravidez

indesejada.

É importante que se tenha em mente que antes de optar por um método contraceptivo específico, é recomendável a consulta com um ginecologista, o qual será capaz de avaliar o caso, já que nem todas as mulheres podem usar todos os métodos disponíveis. Além do mais, durante a consulta, o médico esclarecerá dúvidas e discutirá o melhor método indicado (4).

No que se refere às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), estas constituem um grupo de doenças endêmicas de múltiplas causas, que incluem as doenças venéreas clássicas e um número crescente de entidades clínicas e síndromes que têm como traço comum a transmissão durante a atividade sexual (5).

A importância do conhecimento dessas doenças está no fato de, além do alto risco de disseminação, elas poderem ocasionar graves danos à saúde do indivíduo acometido. As conseqüências podem ser desde distúrbios emocionais, doença inflamatória pélvica, infertilidade, lesões fetais, até câncer, além de facilitar a transmissão do vírus da Aids (HIV) (6).

A incidência das DSTs vem aumentando nos últimos anos, sendo considerada como um problema de saúde pública. Este aumento ocorre em conseqüência das baixas condições socioeconômicas e culturais, do despreparo dos profissionais de saúde e da falta de uma educação sexual adequada, em especial voltada para os jovens (7).

A incidência das DST/Aids tem aumentado na população em geral, sendo que entre adolescentes o número de contaminados está cada vez maior. No mundo são, em média, 40 milhões de pessoas infectadas com HIV/Aids, sendo que um terço deste número tem entre 15 e 24 anos. No Brasil, são 362.364 portadores de HIV/Aids e até junho de 2004, dos 41.274 adolescentes entre 13 e 24 anos com HIV/Aids, 25.167 eram meninos e 16.107 meninas (8).

Frente a essa situação, realizou-se o presente estudo com o objetivo de averiguar os conhecimentos e atitudes que os adolescentes da cidade de Maringá-PR possuem em relação aos métodos contraceptivos e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

## METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, que foi desenvolvido durante a disciplina de Psicologia da Educação, foi aplicado aos adolescentes um questionário (anexo). Este foi composto por questões discursivas e de múltipla escolha, previamente estabelecidas, que buscavam responder aos objetivos propostos no trabalho.

A amostra foi constituída de forma aleatória, ou seja, participaram um número não pré-definido de adolescentes de instituições públicas e particulares, desde os inseridos no Ensino Fundamental até a universidade, sendo que alguns eram alunos do CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos) e outros faziam cursinho pré-vestibular. O acesso aos adolescentes efetivou-se por meio da escola, mediado em geral por um professor que lecionava na sala e também, a partir de um diálogo informal com os jovens. Nenhum adolescente foi identificado e eles respondiam o questionário de forma espontânea, ou seja, somente se quisessem.

Após os dados serem coletados, as respostas foram transcritas no computador utilizando-se do programa Excel. Essas foram analisadas e agrupadas, considerando a freqüência de idéias ou temas recorrentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do trabalho 69 adolescentes da cidade de Maringá-PR, dos quais 49 pertenciam ao sexo feminino e 20 ao sexo masculino, com idades variando de 12 a 19 anos, conforme Tabela 1. A idade mais freqüente em ambos os sexos foi de 13 anos, a média da idade masculina foi de 14.35 anos e a feminina de 15.10 anos.

Tabela 1 – Distribuição da idade dos adolescentes entrevistados de acordo com o sexo.

Idade (anos)	Distribuição da idade dos entrevistados			
	Meninas		Meninos	
	N=	%	N=	%
12	03	6.12	-	-
13	17	34.70	10	50
14	02	4.08	02	10
15	03	6.12	02	10
16	07	14.29	05	25
17	09	18.36	-	-
18	07	14.29	-	-
19	01	2.04	01	05
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>100</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Os adolescentes foram questionados sobre os métodos contraceptivos que

conheciam, e pôde-se perceber que a maioria deles, mostrou conhecer pelo menos um método anticoncepcional, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Métodos anticoncepcionais que os adolescentes demonstraram conhecer.

Métodos anticoncepcionais conhecidos		
Métodos Anticoncepcionais	Número de Entrevistados	%
Camisinha	69	100
Camisinha feminina	51	73.91
Diafragma	17	24.64
DIU	28	40.58
Pílula anticoncepcional	51	73.91
Tabelinha	20	28.99

O preservativo masculino foi o mais referido por mulheres e homens, o que pode estar relacionado tanto com a sua utilização como forma de prevenção da gravidez como com a forte influência das campanhas de prevenção das DST/Aids. Contudo, as mulheres apresentaram maiores percentuais de conhecimento em todos os métodos pesquisados, o que provavelmente reflete a tradição do uso de contracepção como exclusiva atribuição feminina.

Os dados do trabalho de Teixeira *et al.* (9), parte do material coletado pela pesquisa Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil (GRAVAD), com jovens de 18 a 24 anos, das cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, no ano de 2002, são semelhantes aos resultados do presente estudo, já que o preservativo masculino foi o mais citado na prevenção da concepção, sendo este o método usado por 80.7% das moças e 88.6% dos rapazes, seguido pelo anticoncepcional oral.

Na pesquisa realizada por Barreiros *et al.* (10), em 2004, com 680 estudantes dos 16 aos 18 anos, foi observado que 72.8% dos adolescentes usavam camisinha e 69.5% usavam contraceptivo oral como métodos contraceptivos. Esses resultados corroboram com os do presente estudo, pois a camisinha e a pílula foram os anticoncepcionais mais conhecidos e provavelmente utilizados pelos adolescentes.

Rocha *et al.* (11), entrevistaram 960 adolescentes dos 15 aos 18 anos, em Pelotas - Rio Grande do Sul. Eles observaram que o preservativo masculino também foi o mais utilizado pelos

adolescentes (63.2%), seguido pelas pílulas anticoncepcionais (27.9%), assim como no presente estudo.

Ao que parece, as campanhas de prevenção da Aids e a ampla difusão de conhecimentos sobre o uso do preservativo masculino podem estar influenciando na proteção da gravidez, ainda que grande parte dos encontros sexuais dos adolescentes ocorra sem qualquer proteção. É recomendável que as estratégias de intervenção sobre esses grupos populacionais promovam a integração de conteúdos e ações de prevenção das DSTs e de atenção à saúde sexual e reprodutiva (12).

Entretanto, nem sempre o conhecimento dos métodos leva ao seu uso, já que em uma pesquisa realizada em 1999 por Duarte *et al.* (13) com 397 adolescentes do sexo masculino, dos 13 aos 19 anos, residentes em área de baixa renda do bairro da Várzea, no Recife, mostrou que apesar de 81% conhecerem o preservativo, apenas 32% usou algum método contraceptivo na primeira relação, e 67% se referiu a já ter usado preservativo alguma vez. Trajman *et al.* (14) Também realizaram um estudo em dez escolas do Rio de Janeiro com 945 estudantes de 13 a 21 anos, e embora 94% conhecessem a proteção conferida pelo uso do preservativo, somente 34% declararam usá-lo sempre.

Com relação à importância do uso da camisinha, a maioria dos entrevistados, do presente trabalho, disse que a camisinha previne doenças e gravidez indesejável, sendo representado por 71% do total de entrevistados, ou seja, 49 indivíduos. Mas 15 entrevistados disseram que a camisinha apenas previne doenças (21.7%), e 5 citaram apenas a gravidez (7.3%), conforme Tabela 3. Portanto, vale ressaltar que são necessárias melhores campanhas para que se conheçam todas as funções do uso da camisinha.

**Tabela 3** – Importância do uso da camisinha de acordo com os adolescentes.

Importância da camisinha		
Importância	Número de Entrevistados	%
Previne doenças e gravidez indesejável	49	71
Previne doenças	15	21.7
Previne gravidez indesejável	05	7.3

Sobre a responsabilidade do uso da camisinha, das 49 garotas entrevistadas, 87.8%

disseram que o uso da camisinha é de responsabilidade dos dois, 6.1% garotas disseram que é responsabilidade apenas do homem e a mesma quantidade de meninas disse que é responsabilidade apenas da mulher. Dos garotos, de um total de 20 entrevistados, 45% responderam que a responsabilidade do uso da camisinha é de ambos os parceiros, e 50% disseram que é responsabilidade apenas do homem, e apenas 5% disseram que é de responsabilidade da mulher, conforme Tabela 4.

**Tabela 4** – Pessoa responsável pelo uso da camisinha de acordo com os adolescentes.

Pessoa	Responsabilidade do uso camisinha	
	%	
	Meninas	Meninos
Homem	6.1	50
Mulher	6.1	5
Dos dois	87.8	45

Assim, pode-se perceber que muitos adolescentes ainda julgam que somente os garotos são responsáveis pelo uso da camisinha. Mas as meninas mostraram-se mais conscientes com relação à responsabilidade dos dois.

Jiménez Jiménez *et al.* (6) realizou em 2001 uma pesquisa na cidade de Campinas-SP, na qual foram entrevistadas 635 mulheres. Dentre as adolescentes, a análise estatística por regressão múltipla indicou uma associação positiva entre o uso do preservativo masculino e a escolaridade acima de oitava série, e uma associação negativa entre o uso e ter parceiro fixo e maior idade.

No estudo realizado por Geluda *et al.* (15), em 2006, com 34 estudantes adolescentes da rede de ensino público e privado do Rio de Janeiro, a iniciativa de uso ou de solicitar o uso da camisinha durante as relações sexuais foi muito precária para ambos os gêneros. Aconteceu para alguns nas primeiras relações, em lugares em que outros métodos não puderam ser utilizados ou, no caso dos meninos, quando eram parceiras desconhecidas ou conhecidas há pouco tempo. As meninas, por sua vez, confirmaram com suas declarações que não pedem porque não querem, não gostam.

Do total dos entrevistados da presente pesquisa, 63.8% disseram que sabem o que é DST, e até definiram o que é, e 36.2%



responderam que não sabem o que é DST. E quanto ao conhecimento das DSTs pôde-se observar na Tabela 5 que 100% dos entrevistados conheciam a Aids, mas as outras doenças obtiveram porcentagens variadas de conhecimento, sendo que as mais conhecidas foram a Aids (100%), sífilis (78.3%) e gonorréia (53.6%).

**Tabela 5** – Doenças Sexualmente transmissíveis que os adolescentes conheciam.

Doenças sexualmente transmissíveis conhecidas		
Doenças sexualmente Transmissíveis	Número de Entrevistados	%
Aids	69	100
Candidíase	15	21.7
Gonorréia	37	53.6
Hepatite B	14	20.3
Herpes	29	42.0
Sífilis	54	78.3

Quando questionados se já tiveram ou não uma doença sexualmente transmissível, somente uma garota respondeu que sim. Isso gera uma dúvida com relação ao verdadeiro conhecimento de todas as doenças sexualmente transmissíveis e assim seus sintomas.

Os adolescentes foram questionados a respeito de como eles se preveniam das doenças sexualmente transmissíveis, e cerca de 85% citaram a camisinha como forma principal. Através disso, pôde-se perceber que os adolescentes, com todas as campanhas que são realizadas, e as informações de diferentes fontes, têm consciência de que o uso da camisinha os protegerá de adquirir uma DST. Entretanto, cerca de 12% dos entrevistados citaram os métodos contraceptivos como forma de se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis. Neste caso, pôde-se perceber uma confusão com relação ao conceito de método contraceptivo, uma vez que nem todos os métodos contraceptivos, que previnem a gravidez, previnem a transmissão de DST. Nesse caso, vale fornecer, através da escola, dos meios de comunicação e outros, informações coerentes com relação ao conceito de métodos contraceptivos e de prevenção de DST. Apenas cerca de 3% dos entrevistados não responderam Essa questão.

Comparando os resultados obtidos neste trabalho com o estudo realizado por Chicraia *et al.* (16), no qual, 142 adolescentes do gênero feminino e 27 do masculino foram

pesquisados no Ambulatório Avançado do Morro do Pau-da-Bandeira (bairro de Vila Isabel, RJ), durante o horário de atendimento, percebeu-se que o número de adolescentes que já ouviram falar sobre DST era maior, 92.9% se comparado aos 63.8% desta pesquisa. As mais citadas também foram: Aids (95.5%), gonorréia (51.6%) e sífilis (35.7%). A maioria dos adolescentes (78.7%) reconheceu, pelo menos, uma forma de transmissão de DST, e foram citadas principalmente: via sexual (97.7%), via sanguínea (17.3%) e uso de drogas (12.8%). As principais fontes de informação para os adolescentes eram a escola (54.1%) e o Ambulatório Avançado (51.6%) (16).

A pesquisa realizada por Bogaski e Schimer (7), em que foram entrevistados 311 jovens, alunos de escolas públicas e privadas da cidade de Joinville-SC, mostrou que é expressivo o índice de jovens que não põem em prática as medidas recomendadas para a prevenção das DST/Aids. Um dos principais argumentos utilizados para justificar essa atitude baseia-se no fato de eles não acreditarem estar em situação de risco ao relacionarem-se com o sexo oposto.

Comparando os resultados do nosso trabalho com o estudo realizado por Ferreira *et al.* (17) com 36 adolescentes do sexo feminino, com idades entre 11 e 17 anos, os resultados foram similares, porque ele percebeu que das questões sobre método de anticoncepção e DST/Aids, as respostas apontaram um desconhecimento sobre o assunto.

Com relação à questão sobre o oferecimento de aulas ou palestras sobre sexualidade pela escola ou instituição na qual o aluno se encontrava, 63.76% responderam que a escola não oferece este tipo de abordagem e 36.23% responderam que a escola oferece. Através desse dado, pôde-se perceber que um número pequeno de pessoas entrevistadas obtém informações sobre sexualidade nas escolas. O preocupante é que algumas das informações que os adolescentes obtêm, não são de fontes muito confiáveis e, assim, os adolescentes podem estar mal informados ou desinformados. Por isso, é imperativo abordar o tema da sexualidade na escola, com a capacitação continuada dos professores para que incluam questões relativas às relações afetivas entre os sexos

e não se restrinjam a descrever o funcionamento dos órgãos genitais.

Na questão em que os adolescentes de nossa pesquisa responderam onde eles procuram se informar sobre sexo, o meio mais utilizado para obter essas informações é a internet, depois revistas, seguido de especialistas como médicos e sexólogos, e na mesma proporção, outra fonte seria consultar com outras pessoas, como amigos. Em quarto lugar vêm os livros e a televisão, e posteriormente as escolas, e as mães. A fonte menos procurada foi os jornais, ficando em último lugar, conforme Tabela 6. De um total de 69 jovens entrevistados, 30.43% dizem que não procuram informações. Com isso, pôde-se perceber que a maneira mais fácil de obter informações é através da internet, talvez pelo fato de que esta é uma fonte de fácil acesso e não expõe o indivíduo.

**Tabela 6** – Fontes de informações sobre sexo mais utilizadas pelos entrevistados.

Fontes de informações sobre sexo	
Fonte de informação	Posição
Internet	1
Revistas	2
Especialistas e outras pessoas	3
Livros e televisão	4
Escolas e mães	5
Jornais	6

Os resultados encontrados por Baldo e Simões (18) foram um pouco diferentes dos encontrados em nosso estudo, já que, neste estudo, as informações sobre sexo, 51.7% eram obtidas com amigos, 31% na escola e 17.3% com a família. O estudo realizado por Ferreira *et al.* (17) também diverge, pois indicou que as fontes de informações sobre sexualidade foram respectivamente: mãe, professores e amigos.

Interessante observar que, quando os jovens foram questionados se costumam ver sites ou revistas pornográficas, 83.7% das garotas disseram que não costumavam, e as 16.3% restantes disseram que costumavam ver. Já com os meninos foi o contrário, a maioria, 65%, disse que costuma ver sites ou revistas, sendo que apenas 35% disseram que não. Isso demonstra que os meninos visitam mais os sites ou revistas pornográficas, talvez pela própria imposição da sociedade e pelo fato de serem, frequentemente, menos tímidos com relação ao sexo.

Pelos resultados obtidos sugere-se a

realização de ações educativas direcionadas à adoção de conduta sexual preventiva em relação à Aids e a gravidez na adolescência, de pesquisas de fatores emocionais, sociais e econômicos relacionados ao uso do preservativo e métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho pode-se concluir que o preservativo masculino é o método contraceptivo mais referido pelos adolescentes, tanto do sexo feminino como do masculino. Isso está relacionado ao fato do preservativo proteger não somente de uma gravidez indesejada, mas também de DST/Aids. Pode-se dizer também que as mulheres entrevistadas mostraram possuir mais conhecimento em todos os métodos pesquisados, deixando claro que ainda se atribui a responsabilidade da contracepção apenas à figura feminina.

Pode-se considerar elevada (36.2%), a quantidade de jovens que afirmaram não saber o que é DST. Esse resultado é novamente afirmado quando os adolescentes foram questionados quanto ao conhecimento das mesmas, sendo que 100% dos entrevistados conheciam a Aids e 78.3% a sífilis, que são as DSTs mais abordadas em campanhas de prevenção e, conseqüentemente, são mais facilmente conhecidas. Já quando se trata de doenças menos citadas, como candidíase e hepatite B, a porcentagem de adolescentes que mostrou conhecê-las decresce consideravelmente, sendo respectivamente 21.7% e 20.3%.

Foi observada uma confusão de conceitos sobre os métodos contraceptivos, já que 12% consideraram os métodos contraceptivos como forma de prevenção também de DST. O meio mais utilizado pelos adolescentes para obtenção de informações sobre sexo foi a internet, talvez pelo fato de que esta é uma fonte de fácil acesso e que não expõe os adolescentes, mas isso também preocupa, pois muitas das informações disponíveis na rede não são confiáveis e nem sempre verdadeiras, deixando assim o adolescente mal informado ou desinformado. Além disso, 63.76% dos entrevistados afirmaram que a escola ou instituição na qual o aluno se encontrava não oferece aulas ou palestras relativas à sexualidade.

De acordo com o exposto acima, uma educação sexual efetiva, que forneça informações coerentes e claras com relação ao conceito de métodos contraceptivos e de prevenção de DST, deve ser realizada. Essa pode ser executada de diversas maneiras, como por meio de folders informativos, palestras, campanhas, meios de comunicação e principalmente da escola, considerando o fato dos adolescentes passarem no mínimo 5 horas do dia nesse ambiente.

Frente ao exposto, este trabalho confirma a complexidade da determinação do comportamento contraceptivo entre adolescentes e a necessidade de que os programas educativos incorporem as múltiplas dimensões da questão para que tenham efetividade. E também incentiva novas

investigações que possibilitem uma maior compreensão sobre o comportamento sexual e reprodutivo dos adolescentes.

Elisângela Düsman  
Karen Silvério Góis  
Eduardo Michel Vieira Gomes  
Talita Camargo  
Lívia Maria de Castro Penna  
Maria de Lourdes Periotto Guhur

Endereço para correspondência: Av. Colombo, 5790, 87020-900,  
Maringá, Paraná, Brasil.  
e-mail: lisdusman@hotmail.com

Recebido em 07/04/09

Revisado em 10/06/09

Aceito em 16/06/09

## REFERÊNCIAS

- (1) PARISOTTO, L. Sexo na adolescência. Disponível em: <<http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?11>>. Acesso em: 22 nov. 2008.
- (2) GRAVIDEZ na adolescência. Disponível em: <<http://www.geocities.com/ipbtc/estudosbiblicos/gravideznaadolescencia.doc>>. Acesso em: 22 nov. 2008.
- (3) SCHOR, N.; FERREIRA, A.F.; MACHADO, V.L. et al. Mulheres e anticoncepção: conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n. 2, p. 377-84, abr./jun.2000.
- (4) DOENÇAS sexualmente transmissíveis. Disponível em: <<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=2828&ReturnCatID=1802>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- (5) MÉTODOS contraceptivos. Disponível em: <<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=4803&ReturnCatID=1784>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- (6) JIMÉNEZ, A.L.; GOTLIEB, S.L.D.; HARDY, E.E.; et al. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres: associação com variáveis sócio-econômicas e demográficas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 55-62, jan./fev. 2001.
- (7) BOGASKI, N.T.; SCHIMER, J.B.M. A prevenção das DST/AIDS entre adolescentes. **Acta Paul. Enfermagem**, v. 13, n. 1, p. 18-26, jan./mar. 2000.
- (8) MINISTÉRIO DA SAÚDE. Dados epidemiológicos – Aids. **Boletim Epidemiológico Aids e DST**, v. 1, n. 1, 25-34, 2005.
- (9) TEIXEIRA, M.F.B.; KNAUTH, D.R.; FACHEL, J.M.G.; et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p.1385-1396, jul. 2006.
- (10) BARREIROS, F.A.; GUAZZELLI, C.A.F.; MORON, A.F. Conhecimento básico de adolescentes escolarizados sobre métodos anticoncepcionais. **Adolescência & Saúde**, n. 2, p.11-16, 2005.
- (11) ROCHA, C.L.A.; HORTA, B.L.; PINHEIRO, R.T.; et al. Use of contraceptive methods by sexually active teenagers in Pelotas, Rio Grande do Sul State, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p.2862-2868, dez. 2007.
- (12) ALMEIDA, M.C.C.; AQUINO, E.M.L.; GAFFIKIN, L.; et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Rev. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p.566-575, maio 2003.
- (13) DUARTE, M.S.M.; MARQUES, N.M.; MOREIRA, M.F.A.; et al. Saúde reprodutiva e sexual em Recife: um perfil epidemiológico dos adolescentes do sexo masculino no Bairro da Várzea. **An. Fac. Med. Univ. Fed. Pernamb**, Pernambuco, v. 44, n. 2, p. 108-12, 1999.



(14) TRAJMAN, A.; BELO, M.T.; TEIXEIRA, E.G.; et al. Knowledge about STD/AIDS and sexual behavior among high school students in Rio de Janeiro, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 127-133, jan./fev. 2003.

(15) GELUDA, K.; BOSI, M.L.M.; CUNHA, A.J.L.A.; et al. Quando um não quer, dois não brigam: um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino por adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 1671-1680, ago. 2006.

(16) CHICRAIA, M.A.; BARROS, C.R.P.; CROMACK, L.M.F.; et al. Conhecimento, atitudes e práticas relacionadas à DST/AIDS: avaliação de adolescentes atendidos em uma unidade de atenção primária. DST. **J. Bras. Doenças Sex. Transm**, v. 9, n. 3, p. 10-5, maio/jun. 1997.

(17) FERREIRA, M.L.S.M.; GALVÃO, M.T.G.; COSTA, E.S. Sexualidade da adolescente: anticoncepção. **Rev. Bras. Med**, v. 57, p. 8-15, 2000.

(18) BALDO, T.R.F.; SIMÕES, M.J.S. Caracterização das gestantes adolescentes no Município de Araraquara-SP, 1997. **Rev. Ciênc. Farm**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 155-69, jan./jun. 1999.